

Apresentação

Ana Cláudia Munari Domingos

Universidade de Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil

José Arlei Cardoso

Universidade de Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil

Ricardo Carniel Bugs

Universitat Autònoma de Barcelona – Espanha



Vivemos em uma época de rápidas mudanças na maneira como consumimos informação e nos comunicamos. O contexto pós-pandemia tem acelerado ainda mais essas transformações, principalmente com o aperfeiçoamento das novas tecnologias da informação e comunicação (TICs), que abrangem uma ampla gama de dispositivos, aplicativos, plataformas e sistemas que facilitam o processamento, o armazenamento e a transmissão de dados. Neste cenário, a “Pesquisa Google” tem sido substituída pelo “Envie uma mensagem” do ChatGPT, enquanto outras Inteligências Artificiais vão se somando à lista de ofertas, com habilidades desde a tradução até a criação de obras artísticas únicas. Narrativas em livro ou videogame rapidamente atravessam para outras mídias e chegam às redes sociais em forma de memes. A prática de informar, opinar, criticar, se imiscui à comunicação diária, confundindo invenção e realidade, misticismo e ciência. Essas mudanças têm impacto direto nas práticas de leitura, tanto no contexto educacional quanto em nossa vida cotidiana, já que a ideia tradicional de leitura, antes predominantemente associada aos textos escritos e ao universo do livro, agora envolve uma variedade de mídias e linguagens, que incentivam uma abordagem de múltiplos sentidos e exige diferentes habilidades cognitivas. É preciso considerar que essa expansão do conceito de leitura assinala para a importância da construção dessas habilidades que novas formas de ler exigem. Multiletramento, literacia midiática, letramento digital, são alguns dos conceitos através dos quais essa questão tem sido entendida. A proposta de uma leitura comparada das mídias envolve a análise da sua complexidade, a definição de conceitos e taxonomias, que possibilitem, também, a discussão sobre elas a partir de uma ciência interdisciplinar.

Neste número, a revista Signo reúne um conjunto de artigos derivados de produções acadêmicas, que focam, sob diferentes perspectivas, “a leitura comparada das mídias”. Cada artigo selecionado traz sua contribuição para uma análise mais detalhada de temas pertinentes e suas variações, como Intermidialidade, gêneros digitais, redes sociais, narrativa transmídia, inteligência artificial e comunicação, além dos já citados literacia midiática e digital, TICs e multiletramento, entre outros.

Entre os primeiros títulos, o foco principal está na observação dos fenômenos intermídiais, seja pelo viés da Intermidialidade, seja pelo da Multimodalidade, em que se destaca a presença do teórico Lars Elleström. Brunilda Reichmann analisa algumas representações pictóricas do mundo natural, como referências intermidiáticas, à luz da ecocrítica. Também sob a perspectiva da Intermidialidade e fazendo referência aos estudos de Jørgen Bruhn, Maria Cristina Ribas faz uma reflexão sobre a sinestesia como experiência de leitura dos fenômenos intermídiais. A recepção também é um dos elementos da tríade estudada por Ana Luiza Ramazzina-Ghirardi, através do qual ela mostra que os produtos de mídia multimodais solicitam a percepção de um *multireceptor*. A

multimodalidade também é um dos dispositivos sob análise de Flaviane Faria Carvalho, a partir da Semiótica Social Multimodal, para analisar os recursos sonoros utilizados nas vinhetas de um perfil no Tik Tok que, para a autora, contribuem para a popularização da ciência de forma acessível. Em “Dos quadrinhos ao audioquadrinhos: uma análise intermidial”, Jaimeson Machado Garcia e Lúcia Santaella discutem os processos de transmidiação entre os quadrinhos impressos e os audioquadrinhos, mostrando como acontece a adaptação entre seus diferentes elementos. Os quadrinhos também se constituem o objeto de estudo de Ulisses de Oliveira, desta feita o gênero webcomic, cuja composição ele analisa a partir dos conceitos da Estrutura Genérica Potencial (EGP).

Já no segundo conjunto de artigos, em uma variedade de perspectivas, a compreensão leitora passa a ser o objeto de estudo. Dháiele Santana Schmidt analisa uma aplicação web voltara para a estimulação cognitiva de idosos por meio da linguagem, mostrando como esse recurso, se ampliado, tem potencial para mitigar os efeitos do envelhecimento do cérebro nessa população. Já Keyla Maria Frota Lemos, a partir de Kintsch, Rawson e Barret, investiga as diferenças na compreensão leitora de textos acadêmicos e jornalísticos lidos em diferentes mídias. Através de um corpus empírico composto por alunos de cursos superiores, Emerson avaliou se os níveis de compreensão leitora de textos como memes, charges e outros tipos digitais são afetados pelas características formais, por exemplo, tamanho.

Dois artigos pensam o letramento midiático e a educação digital mais diretamente. Nathalie Resende de Carvalho avalia que o caráter normativo da BNCC, frente a ausência de infraestrutura adequada nas escolas brasileiras, deixa de assegurar o cumprimento das competências do campo de atuação jornalístico-midiático. Cristiane Dall’Cortivo Lebler, Elizandro Mauricio Brick e Marcelo Gules Borges discutem a caracterização dos recursos educacionais abertos (REAs) como hipergêneros no quadro dos gêneros do discurso, pensando a complexidade textual e discursiva desses textos também sob a ótica dos estudos de tecnologias da informação. Sob a ótica da Semântica (Socio)Cognitiva, Évelyn analisa o álbum *Sobrevivendo no inferno*, de Racionais Mc’s, mostrando como as canções realocam o objeto do discurso, de teor neopentecostal, para servir aos efeitos de sentido, em direção a uma denúncia do genocídio e do encarceramento da população preta no Brasil.

Por fim, Jorge Antonio de Moraes Abrão, ainda bastante conectado ao contexto do qual parte as discussões em torno da leitura comparada das mídias, observa um vídeo publicitário criado por Inteligência Artificial, buscando entender de que forma memórias e esquecimentos ali se materializam e, assim, deixam ver tensionamentos, apagamentos e a instrumentalização do passado. Completando essa edição da *Signo*, o dossiê ainda traz a resenha, por Juliana do Amaral, de *How we read now – strategic choices for print, screen, and audio* (2021), obra de Naomi Baron ainda sem tradução no Brasil. A Professora Dra. Paula Lopes, da Universidade Autónoma de Lisboa, é a entrevistada dessa edição, conversando sobre sua pesquisa em literacia midiática e seus projetos em escola de Educação Básica em Lisboa.

A diversidade e a complexidade dos objetos estudados pelos autores deste dossiê deixam ver que essas várias áreas de pesquisa, em suas diferentes perspectivas – a multimodalidade, a intermidialidade, a compreensão leitora, a análise do discurso – têm convergido para a observação do nosso tempo e do modo como a linguagem é um vetor das transformações culturais e sociais. O empenho em construir conhecimento sobre os novos modos como nos comunicamos é uma corrida para entender esse tempo e, assim, transformá-lo positivamente.